

raras excepções, moveis em todo o periodo de sua existencia.

8.ª Nos cancros, os ganglions absorventes axillares tornam-se endurecidos no primeiro periodo da molestia; nos tumores *innocentes*, raras vezes são elles affectados.

9.ª As dores nevralgicas de um lado e na axilla são communs no *cancro*, e nas affecções *innocentes* raras vezes se apresentam.

10.ª A retracção do mamillo se acha tanto nas molestias simples como nas malignas do seio, e consequentemente é de pequeno valor diagnostico.

11.ª Ha em todas as affecções da glandula mammaria mesma uma excreção do mamillo. No *cancro* ella é sanguinea e escassa; no *kysto* verdadeiro é viscosa e abundante, e pôde ser augmentada pela pressão sobre o *kysto*; nas affecções inflammatorias é aquosa ou purulenta.

12. Nos casos de tumor do seio, quando a pelle se tem rompido ou ulcerado, a margem da abertura ou ulcera revela o caracter da molestia: nos casos simples apresenta a apparencia de ter sido rompida ou cortada, ao passo que nas molestias cancerosas não ha esta margem distincta, e as extremidades da ferida apparecem espessas, endurecidas e reviradas para fóra.

P.

TRABALHOS ORIGINAES.

NOTA SOBRE A DROGA UIRÁRY, OU CURÁRE, APRESENTADA À ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE STOCKOLMO.

Pelo Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, do Pará.

(Continuação da pagina 174.)

Qual a acção do veneno uiráry ou curáre? É tão subtil e prompta, a acção de semelhante veneno, que apenas o instrumento toca o corpo do animal, e o fere fazendo sangue, por mui leve que seja o ferimento, instantaneamente sobrevém a morte sem a minima agonia ou extorsão! É assim que os mesmos indios tem devastado malôcas inteiras de seus semelhantes, é feito sumir da face deste continente tribus de selvagens outr'ora conhecidas, e que hoje não se encontram. E assim continuarão a debellar-se até á sua completa extincção!!

Para este toxico poder anniquilar a economia viva tão instantaneamente, como costuma, não se faz indispensavel a sua absorpção por meio dos vasos absorventes ou das veias, nem era possivel operar-se ella em tão curto lapso de tempo, como o que medeia entre o ferimento e a morte; por tanto, não é pelo vehiculo da circulação, que se deve procurar a explicação da transmissão do veneno, mas sim por outra

via. O fluido nêrvio ou magnético, que transita pelos nervos, é o verdadeiro conductôr deste veneno, o qual derramado de chôfre, como uma centélha eléctrica sobre o principal membro do triumvirato da vida, a precipita no abysmo do nada, e a apaga, como se fóra uma luz vacillante em meio d'uma tormenta. A sua acção é pois fulminante, e por isso não admitta que até agora se não tenha encontrado vestigios d'elle por meio dos exames anatomico-pathologicos, a que se tem procedido na Europa. Brodie pensa que a morte tem logar pelo cerebro, sem dôr, nem convulsões, com quanto o coração bata ainda por algum tempo depois da morte.

Diz se, e diz-se com razão, que este veneno não obra sobre a economia animal, *senão quando se tem feito sangue nos tecidos vivos*. É isto uma verdade bem averiguada e reconhecida; mas não quer dizer este facto de todos sabido, que seja o systêma sanguineo, ou o absorvente, o canal de transmissão do dito veneno. Os estudos anatomico-pathologicos effectuados sobre este ponto confirmam não só a não absorpção, pela falta da presença do principio deletéreo na economia, como porque nenhuns traços ou vestigios da sua passagem por ella se patenteiam aos olhos dos observadores os mais escrupulosos.

A circumstancia, que se requer, *de haver sangue ou ferimento vascular*, para o veneno poder obrar sobre a economia viva, não significa absorpção, porque as experiencias feitas em animaes por Muschenbroeck, Albinus, Van-Swieten, Fontana, Cl. Bernard, e Kolliker, não demonstraram ainda a existencia de semelhante veneno na torrente da circulação; significa porém, quanto a mim, a certeza *da solução de continuidade d'um ramusculo nervoso*, por quanto não se pôde conceber que os vasos sanguineos, por menos capillares que possam ser, sejam comprometidos na sua continuidade, sem que também o sejam os ramusculos nervosos, que os acompanham até ás suas ultimas ramificações.

E este ferimento do nervo, ou dos ramusculos nervosos, importa nada menos do que a morte certa e proxima. (5)

A prova mais convincente de que elle não é ingerido na torrente da circulação, e por tanto não é absorvido, é que as carnes dos animaes mortos por meio deste toxico, em quanto frescas, ou mesmo em putrefacção, sem que toda-

(5) No nosso n. 28, pag. 43, inserimos uma observação de feridas de flechas envenenadas pelo curara, publicada na *Gazette Hebdomadaire* de Paris de 6 de junho de 1867, pelo Dr. Ferreira de Lemos.

via tenham experimentado a acção do calorico indo ao fogo, pôdem ser comidas cruas por outros animaes impunemente, e sem risco algum, como diariamente se está observando. O *urubú* (*percnoptère urubú*), especie de abutre, ave de rapina, que se nutre das carnes d'outros animaes, com tanto que não tenham perecido de venenos, couza que elles sabem perfeitamente differenciar por via do seu singular olfacto, não abandonam as presas, que fazem, d'animaes mortos por meio do *curáre*, e sim as devoram sem risco de vida.

É somente assim, que posso explicar tão subita morte, que mais parece o effeito de uma *apoplexia nervosa fulminante*, do que o resultado de um veneno vegetal, cujos caracteristicos morbidos tem sido erradamente comparados por alguns autores com os do veneno do *crotalus*, ou *cobra cascavel*, apenas com a differença de que este faz as feridas negras (Braynard, e Greene).

Não seria mais consentaneo com a razão comparar este genero de morte subita, ou *fulminante*, com a que sobrevém por via da *fulminação d'um raio*, o qual certamente mata por uma grossa, e inesperada descarga de electricidade sobre o cerebro, e não por asphyxia? Não será mais acreditavel, que este veneno, ferindo um ramo nervoso qualquer, tenha a *singular e especifica propriedade* de fazer recuar por continuação todo o *fluido nervio*, ou *magnetismo animal*, que circula dentro dos nervos, e o vá arrojár sobre o cerebro, produzindo uma *congestão nervosa mortifera*, e não uma asphyxia, como explica o Sr. Cl. Bernard?

O estudo, a discussão, e o tempo esclarecerão esta importante questão.

Dezajava reproduzir agora tudo quanto se tem escripto ultimamente sobre a maneira de obrar desta terrivel, e por demais perigosa substancia,—as experiencias, que se tem feito desde longos annos a seu respeito,—e finalmente as applicações, que todos os dias em therapeutica se vão ensaiando com o louvavel fim de combater diversas e variadas molestias graves: não sendo porém o meu intento escrever uma monographia, mas sim occupar-me somente da *historia*, ou *biotaxia botanica* do *curáre* ou *uiráry*, transcreverei apenas para aqui alguns resumos mais modernos do que sei a tal respeito, com o proposito unicamente de não apparecer uma lacuna muito sensivel nesta parte do meu trabalho.

« Claudio Bernard em suas experiencias tem demonstrado directamente a acção singular do *curáre*, que annulla as propriedades dos nervos motôres, ao mesmo passo que respeita as dos sensitivos. O *curáre* obra sobre o systêma ner-

vo o motôr da vida de relação mais depressa do que sobre o systêma nervoso da vida organica, ou *sympathica*.

—Atáca porém tambem a este ultimo, quando o envenenamento se faz completo, e não é possível excitar o coração pela galvanisação do nervo vago.—Esta acção ou maneira d'obrar, manifesta-se sobre os nervos motôres, paraly-sando-os da périphéria para o centro, isto é, o inverso da paralyisia ordinaria destes nervos.—Finalmente não tem acção apreciavel sobre os musculos sujeitos á vontade. (Nysten). »

« Pelas experiencias de Fontana, Black, Morgan, e Adisson, as convulsões são o effeito mais constante do *curáre*, quando não é applicado em dóse, que mate instantaneamente; mas segundo muitos observadores a acção do *curáre* sobre a medulla é evidente, tornando-a mais excitavel. A acção estupefaciente, que Vulpian defendia, é que se não tem podido demonstrar. A acção do *wordáre* sobre o cerebro, segundo querem Brodie, Virchow, e Munster, é negada por Cl. Bernard, Martin, e outros. (Beirão). »

« Cl. Bernard reconheceo, que o *curáre* era sem acção sobre os órgãos da circulação, e não tirava ao sangue as suas aptidões physiologicas;—que faz abolir as manifestações do systêma nervoso, e deixa intacto o systêma muscular, o que tem permittido provar, que a contractilidade muscular e a irritabilidade dos nervos motôres são duas propriedades distinctas;—que deixa intactos os nervos sensitivos, os musculos, e todos os demais tecidos do organismo. (Reveil). »

Apezar de ser este veneno entre os conhecidos um dos mais energicos, tem sido todavia aproveitado no tratamento therapeutico d'algumas enfermidades desesperadas, taes como a epilepsia, a hydrophobia, o tétano traumático, agudo, e o chronico, as nevroses convulsivas, e não sei, se em algumas mais, (Vella, Manec, Chassaignac, Réveil, Thiercelin); e passa como antidoto da strychnina, o que por ora não está bem averiguado.

Uma das qualidades notaveis do *curáre* é a de poder ser ingerido no canal alimentar sem perigo, com tanto que se esteja bem seguro de que não sangram os labios, ou as gengivas, nem exista ulceração alguma interior, porquanto em qualquer destes casos a sua ingestão seria arriscadissima e mortal.

Os indios, depois de bem convencidos da sua innoeuidade, o dão internamente como um excellent tonic, e estomachico, visto ser dotado d'um sabôr amargo muito pronunciado, e ao mesmo tempo agradavel; e applicam-no por isso em certas affecções do estomago.

Até ha bem pouco tempo acreditava-se, que o *curáre* não era susceptível de ser absorvido pelas membranas mucosas, e podia por isso ser empregado internamente sem receio, nem perigo; no entanto a mucosa bronchica, e a rectal tem dado testemunho do contrario, como provam as experiencias feitas em coelhos pelo Sr. Cl. Bernard. Convém, pois, haver toda a circumspecção na sua applicação pharmacologica.

Alvarez Reinoso reconhece que o chloro, e o bromo decompõem o *curáre*, e neutralisam os seus effeitos; que o iodo o altera sem o destruir; que o acido azotico obra fracamente sobre elle, e o sulfurico não o ataca, mas oppõem-se á sua absorpção, contrahindo, e endurecendo os vazos e os tecidos; finalmente que o iodureto e o bromureto de potassium retardam a acção do *curáre* sobre a economia viva. (Réveil)

Nada, portanto, mais natural do que fazer-se toda a diligencia de saber-se, ou descobrir-se, qual o *contra* de tão terrivel veneno. Os indios, segundo se diz, empregam como tal a *urina*, tomada internamente, e applicada sobre o lugar ferido, isto, porém, o mais rapidamente possível, porque a mais leve demora prejudicaria o seu effeito, como quasi sempre succede. Asseguram-me ser efficaz o seu emprego, e conta-se até, que o macaco, quando se sente ferido, urina na mão, e bebe deste liquido a longos tragos, acontecendo escaparem muitos por esta forma. Ainda não tive occasião de reconhecer o que ha nisto de real e verdadeiro; devo, porém, inclinar-me a não acreditar semelhante versão, tomando-a antes como fabula, á vista das experiencias physiologicas comparadas, feitas pelo Sr. Cl. Bernard.

Tambem se recommenda como *antidoto* do mesmo veneno a dissolução concentrada do *sal marinho* ou *chlorureto de sodium* em agua, lavando-se a parte ferida com esta agua salgada, e dando-se d'ella a beber á vontade aos feridos. Os indios, porém, nem sempre podem dispor deste meio ou correctivo, porque raras vezes alcançam o *sal marinho*, que elles muito apreciam.

Não deve igualmente merecer confiança ou creditô tal *antidoto* á vista das experiencias feitas pelo Sr. Cl. Bernard sobre este ponto.

Nicolas Monard aconselha a applicação do tabaco, e lhe concede uma grande efficacia para neutralisar os effeitos do *curáre*, o que tambem não é exacto, segundo me informam algumas pessoas, que não experimentado o seu emprego.

O animal que mais depressa, e subitamente, succumbe sob a influencia do *curáre*, é o macaco, e quasi sempre os indios buscam feril-os nos dedos, ou nas palmas das mãos ou pés, lugar aonde o veneno produz mais segura impres-

são, certamente por via das papillas nervosas, e dos muitos nervos, que ali se distribuem. O contrario succede com o ran, e sapo, que são de todos os animaes os que mais tempo resistem á acção mortifera do *curáre*, o que não é para admirar, visto serem aquelles em que a contractilidade e vitalidade mais custam a esvair-se, embora estejam elles dilacerados, ou esquartejados. É sobre estes animaes, em que os indios costumam fazer os seus ensaios experimentaes, para aquilatar a força activa, ou gráo do veneno, picando-os com frêchas hervadas nos pontos mais delgados e accéssiveis do seu corpo. Se o animal morre, e em tempo breve, o veneno é reputado forte, vigoroso e de boa qualidade. Da mesma fôrma refere o viajante Hartsink, que os indios para comprovarem a sua efficacia, espétam uma frêcha hervada n'uma arvore qualquer, e se esta sécca ou morre no fim de tres dias, é o veneno reputado de boa qualidade. É isto uma fabula desmentida pelas curiosas experiencias feitas sobre este ponto pelo Sr. Cl. Bernard.

O porco, o taititú, a capiuára, a anta (tápir), e em geral todos os animaes, que abundam em gordura subcutanea, são os mais refractarios á acção do *curáre*, e por isso, os indios procuram feril-os em partes do corpo, onde não haja gordura; e ainda assim, para morrerem, torna-se indispensavel frechal-os dez, doze, e mais vezes. Parece que a gordura ou tecido celular adiposo modifica, ou transtorna d'alguma maneira a propriedade venéfica do *curáre*. No Alto-Rio-Negro, e no Orêndco, é pratica constante caçar-se gallinhas, aves, e outros animaes. ou pescar-se peixes, por meio de talinhas ou frêchas hervadas arremeçadas por meio de zarabatanas ou arcos; e asseguram, que as carnes se tornam mais delicadas, e deliciosas ao paladar, quando são assim obtidas.

Algumas considerações ainda poderia adjuzir acerca desta mortifera droga; mas por menos importantes e valiosas as calarei, dando por concluido este ligeiro esboço, que de futuro poderá vir a ser melhor traçado por penna mais habil, que não a nossa.

Relatorio apresentado ao Provedor da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro

pelo Dr. José Joaquim Ludovino da Silva,
Medico do Hospicio de alienados de Pedro 2.º

ILL.º E EX.º SR.

Nomeado por V. Ex. para occupar o lugar de medico director do serviço clinico do Hospicio de Pedro II, em substituição á um alienista tão versado na especialidade, o illustrado